

## Mais uma vez temos de prantear um companheiro e amigo

**A**o final de 1996 perdemos, de forma trágica, mais um batalhador da Psiquiatria Infantil: Rafael Célia, gaúcho, vice-presidente da Região Sul da ABENEPI, não se encontra mais entre nós.

Infelizmente, durante o último ano, nosso movimento só contabilizou perdas. Perdas importantes, irreparáveis que, só com o passar do tempo e com o advento das novas gerações, podem ser minimizadas.

Krynski, Zalmi, Rafael, todos são parte de um conjunto, complexo e harmonioso, de pessoas que tentam “construir” uma especialidade ainda incipiente.

Embora durante esses últimos anos tenhamos conseguido grandes avanços e progressos, sentimos a falta do companheirismo, da prudência e do entusiasmo desses companheiros.

Onde quer que estejam, temos a certeza de que estão satisfeitos com alguns dos rumos que tomamos. Como disse Che: “ainda que a morte venha, bem-vinda seja, desde que hajam ouvidos atentos às nossas prédicas e mãos que empunhem as armas que das nossas caíam.”

Paralelamente, cremos que seja o momento de algumas reflexões.

Sob o ponto de vista político e econômico, caminhamos para a integração latino-americana. Entretanto, sob o ponto de vista científico, continuamos a nos isolar e a evitar esse processo de integração.

Como consequência da dominação cultural a que somos submetidos há muito tempo, continuamos voltando nossos olhos para a Europa e os Estados Unidos na ânsia de nos tornarmos países de primeiro mundo por mera imitação.

Esquecemo-nos porém de que a passagem ao rol dos países desenvolvidos não se faz por cópia e sim pela construção cotidiana, dentro dos limites da própria realidade. E é essa realidade que teimosamente insistimos em negar quando preferimos reproduzir trabalhos e experimentos já realizados há muito tempo nesses países em lugar de procurarmos nos adaptar a um país carente e desprovido de recursos procurando melhorá-lo.

Preferimos assim, ficar presos em uma torre de marfim, parados a olhar para o próprio umbigo, em uma atitude elitista, autocentrada e principalmente alienada.

Atrai-nos muito mais pensar em Paris e nas dificuldades no narcisismo primário ou em Pittsburgh e nos problemas do déficit de atenção e hiperatividade, ou mesmo em Londres e na importância das síndromes genéticas no Autismo Infantil, do que em nossas milhões de crianças em risco, famintas, drogadas, abandonadas...

É melhor ignorá-las do que assumir nosso papel de cúmplices? Talvez...

Cremos, entretanto, que seja o momento de pensarmos em mudanças, não somente teóricas mas também práticas. Contrariamente ao que se diz, os intelectuais preparam sim, todas as revoluções, ou como se dizia no final dos anos 60: “quem sabe faz a hora...”

*Prof. Dr. Francisco B. Assumpção Jr.*